



Relações de gênero e carreira docente: impactos, desafios e perspectivas

Gender relations and teaching career: impacts, challenges and perspectives

Tatiani Gomes Gouvêa*

 <https://orcid.org/0000-0002-8784-7057>

Vitória Marcelle Lima Guimarães**

 <https://orcid.org/0000-0002-2154-9583>

Ana Louise de Carvalho Fiúza***

 <https://orcid.org/0000-0002-3898-1583>

RESUMO

O reconhecimento de que a vida profissional da mulher é fortemente perpassada pelas suas atribuições domésticas e maternas tem alcançado o *status* de um fato com relevância social. Contudo, não basta reconhecer este fato. É preciso avançar, buscando explicar e compreender a forma como este entrelaçamento entre a vida familiar e profissional vem afetando as mulheres. O presente artigo tem como objetivo discutir a relação entre a carreira docente e a vida familiar, considerando como as docentes têm a sua carreira afetada nos diferentes estágios dos ciclos familiares em que se encontram. O estudo foi desenvolvido em Programas de Pós-Graduação da área de Ciências Agrárias de uma universidade com grande tradição nesta área. Participaram do estudo, 122 professores/as efetivos (85 homens e 37 mulheres). Foram analisados os currículos Lattes dos/das docentes, bem como dados obtidos por meio de consulta à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e aqueles extraídos da aplicação de questionário de pesquisa. Os resultados alcançados indicaram: 1) uma “desigual” divisão sexual do trabalho doméstico entre os professores-pesquisadores e as professoras-pesquisadoras; 2) observou-se que as especificidades próprias do cotidiano das mulheres pesquisadoras eram desconsideradas e elas eram enquadradas pelo padrão profissional masculino; 3) Constatou-se que a maternidade e a paternidade têm pesos diferenciados na carreira de pesquisadores e pesquisadoras. Tais questões continuam sendo subestimadas pelas instituições, resultando

*Pedagoga. Doutora em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV, Viçosa, Brasil). Técnica Administrativa em Educação na Universidade Federal de Viçosa (UFV, Viçosa, Brasil). E-mail: tatiani.gomes@ufv.br

**Cientista Social. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV, Viçosa, Brasil). Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Belo Horizonte, Brasil). E-mail: pvitoriag4@gmail.com

***Socióloga. Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, Rio de Janeiro, Brasil). Docente do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV, Viçosa, Brasil). E-mail: lousiefiúza@ufv.br

DOI 10.22422/temporalis.2024v24n48p420-437



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2024 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

em uma escassez quase total de políticas e suporte adequados àquelas profissionais que convivem diariamente com esses desafios.

PALAVRAS-CHAVE

Desigualdade de gênero; Regime de gênero; Carreira docente.

ABSTRACT

The recognition that a woman's professional life is strongly influenced by her domestic and maternal duties has reached the status of a fact with social relevance. However, it is not enough to recognize this fact. It is necessary to move forward, seeking to explain and understand how this intertwining between family and professional life has been affecting women. This article aims to discuss the relationship between the teaching career and family life, considering how teachers have their careers affected at the different stages of the family cycles in which they find themselves. The study was developed in Postgraduate Programs in the area of Agricultural Sciences at a university with a great tradition in this area. 122 permanent teachers (85 men and 37 women) participated in the study. The teachers' Lattes CVs were analyzed, as well as data obtained through consultation with the Dean of People Management and those extracted from the application of a research questionnaire. The results achieved indicated: 1) an "unequal" sexual division of domestic work between professor-researchers and professor-researchers; 2) it was observed that the specificities of the daily lives of women researchers were disregarded and they were framed by the male professional standard; 3) It was found that motherhood and fatherhood have different weights in the careers of researchers. Such issues continue to be underestimated by institutions, resulting in an almost total lack of adequate policies and support for professionals who live with these challenges on a daily basis.

KEYWORDS

Gender inequality; Gender regime; Teaching career.

Introdução

Compreender como as dinâmicas familiares evoluem e se transformam é crucial para desvendar as influências que esses estágios podem exercer sobre o trabalho. Neste estudo, tratou-se do trabalho docente no magistério superior e sua relação com as dinâmicas familiares, destacando o gênero como variável central. A adoção de uma abordagem de gênero propicia uma análise mais detalhada das formas como os papéis tradicionais e as normas de gênero moldam as experiências individuais. Isso influencia, por conseguinte, o modo como os docentes do ensino superior conduzem suas carreiras em diferentes estágios do ciclo de vida familiar.

Para este estudo foi realizada uma pesquisa documental com acesso à base de dados da Plataforma Lattes do CNPq. Os currículos de todos os participantes da pesquisa foram examinados para identificar variações de gênero em orientações, publicações, carga horária e autoria de artigos. Os dados dos Currículos Lattes foram integrados às informações da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PGP) da UFV, incluindo tanto as características pessoais quanto as profissionais dos/as docentes. Adicionalmente, foram conduzidos questionários com os/as 212 docentes participantes do estudo.

A temática em questão visa destacar uma problemática antiga e contemporânea: historicamente, as tarefas domiciliares e parentais têm sido associadas às mulheres, as sobrecarregando e fazendo com que disponham de menor tempo livre para se dedicarem ao trabalho. Desse modo, no que se refere à carreira acadêmica, como acumular capital científico em um cenário que é originalmente desigual e desequilibrado? Para elas, é um desafio constante.

Neste texto, primeiramente, explora-se o referencial teórico que investiga os ciclos de vida familiar e a divisão sexual do trabalho, fornecendo informações detalhadas sobre os estágios e suas implicações na dinâmica familiar. Em seguida, o regime de gênero e as desigualdades no campo científico são abordados, enfatizando as barreiras que as mulheres têm enfrentado no ambiente acadêmico. No desfecho, são apresentados os resultados e as discussões provenientes da aplicação dos questionários aos docentes participantes desta pesquisa.

Pretende-se, a partir da discussão proposta neste artigo, contribuir para o fortalecimento e a continuidade de estudos desta natureza, que busquem impulsionar a criação de políticas públicas direcionadas à redução das disparidades de gênero e à promoção de oportunidades e acesso equitativos para as mulheres em diferentes áreas de atuação.

Os ciclos de vida familiar e a divisão sexual do trabalho

Beth Carter e Mônica McGoldrick (1995)¹ identificam seis principais estágios no ciclo de vida familiar: (1) o relativo ao jovem solteiro; (2) ao da família sem filho; (3) ao da família com criança(s); (4) ao da família com adolescente(s); (5) ao da família no meio da vida; e (6) ao da família no estágio tardio. De acordo com as autoras, tais fases podem não ocorrer de forma isolada, sendo possível se observar a sobreposição de etapas em alguns tipos de arranjos familiares, como o das famílias estendidas, compostas por mais de uma geração vivendo no mesmo domicílio. Cada uma das seis fases descritas tem demandas específicas e “exigem” dos indivíduos uma constante (re)organização e (re)distribuição das atividades.

O estágio 1, citado por Carter e McGoldrick (1995), diz respeito ao jovem solteiro, fase em que o novo adulto se separa física e/ou emocionalmente da família de origem. É nesse estágio que o jovem tem a propensão de desenvolver planos de vida e tomar decisões profissionais com maior conhecimento, senso crítico e maturidade. Esse período é caracterizado por maior autonomia no uso do tempo, uma vez que não há a imposição de assumir todas as responsabilidades e compromissos da vida adulta.

O estágio 2 inicia-se a partir da constituição da família e durante o período que antecede a chegada dos filhos. Nessa fase, presencia-se um maior investimento na carreira profissional. Conforme ressaltado por Letícia Machado *et al.* (2019), quando são analisados os números relativos à produtividade científica de mulheres sem filhos, nenhuma queda significativa é observada. De forma semelhante, a pesquisa conduzida por Fernanda Staniscuaski *et al.* (2021), examinou o impacto das submissões de manuscritos de autoria feminina durante o período da pandemia da COVID-19. Os resultados apontaram que as mulheres sem filhos sobressaíram positivamente em todos os aspectos analisados, quando comparadas às mulheres com filhos. Quanto aos homens, em comparação com as mulheres, foi o grupo menos afetado em todas as situações analisadas.

No estágio 3, após o nascimento dos filhos e durante a infância, quando ainda se vislumbra significativa dependência em relação aos cuidados maternos, a situação se modifica radicalmente. Relacionando a maternidade com o desenvolvimento na carreira, tem-se que

¹ Destaca-se que, nesta Introdução e ao longo de todo o texto, a primeira vez em que for feita menção aos autores será apresentado seu prenome como forma de reconhecimento das autorias femininas.

“faixas etárias de menor representatividade nas bolsas de produtividade e liderança de grupos de pesquisa coincidem com a idade fértil da mulher” (Machado *et al.*, 2019, p. 37). Além disso, os autores ressaltam uma notável diminuição no número de publicações de artigos, que “parece durar pelo menos quatro anos após o nascimento do primeiro filho” (Machado *et al.*, 2019, p. 39).

De maneira análoga à fase anterior, no estágio 4 encontra-se a família que possui adolescentes e que também carece de alguns cuidados especiais inerentes a esta etapa da vida. Nesse período os jovens enfrentam desafios e fazem escolhas importantes, tudo isso com orientação de familiares mais próximos. Segundo Cristiana Berthoud (2010), durante a fase da adolescência a mulher continua exercendo papel prioritário no meio familiar, pois “[...] a figura feminina é vista como aquela capaz de amenizar os stress[es] que ocorrem nas relações entre os subsistemas familiares, cabendo a ela, muitas vezes, fazer a ponte de ligação entre os diferentes membros da família” (Berthoud, 2010, p. 77).

O estágio 5, constituído por famílias no meio da vida, inicia-se com a maioria dos filhos e, em grande parte das vezes, com a saída deles de casa. Carter e McGoldrick (1995) afirmam que nesse estágio da vida familiar não são mais necessários os cuidados despendidos durante a infância e a adolescência, abrindo espaço para os pais explorarem novas oportunidades. Para melhor ilustrar os estágios do ciclo de vida familiar proposto por Carter e McGoldrick (1995) foi elaborado o Quadro 1 com ênfase nas etapas 3, 4 e 5, as quais foram prevalentes neste estudo por apresentarem relação direta com o período da vida profissional das docentes/pesquisadoras (Parent in Science, 2020; Pindado Sanz-Cruzado *et al.*, 2021; Pinto, 2019).

Quadro 1: Estágios dos ciclos de vida familiar e características específicas de cada fase.

Estágios dos ciclos de vida familiar (Carter; McGoldrick, 1995)	Faixa etária	Etapa da educação escolar ²
(3) família com criança (s)	0 a 5 anos	Educação Infantil
	6 a 10 anos	Ensino Fundamental I
(4) família com adolescente (s)	11 a 14 anos	Ensino Fundamental II
	15 a 18 anos	Ensino Médio
(5) família no meio da vida	Maior de 18 anos	Conclusão do Ensino Médio e início da Educação Superior

Fonte: Adaptado de Carter e McGoldrick (1995).

Com o propósito de uma análise mais aprofundada, sugere-se atenção especial aos estágios 3, 4 e 5, nos quais se presume que existam maiores repercussões na carreira das docentes pesquisadas, dadas as exigências resultantes da chegada dos filhos. No entanto, a relação desses estágios com os iniciais (1 - relacionado ao jovem solteiro e 2 - à família sem filho) faz-se igualmente importante por possibilitar a comparação, análise e discussão dos

² De acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional - LDB.

resultados obtidos. A fase 6, referente à família no estágio tardio, não será alvo de investigação neste estudo.

Em um estudo conduzido por Maria Oliveira e Gláucia Marcondes (2016), foi examinada a distribuição do tempo dedicado a afazeres domésticos e à jornada de trabalho fora de casa pela população feminina em áreas metropolitanas do Brasil. Concluiu-se que mulheres, independentemente da presença de filhos, dedicam em média três vezes mais tempo às atividades domésticas e familiares do que os homens. De modo similar, Izabel Borsoi e Flavílio Pereira (2011) identificaram que as dimensões pessoal e profissional passam a orbitar quase integralmente em torno do trabalho. Vale ressaltar que as disparidades na utilização do tempo entre homens e mulheres, tanto em trabalhos remunerados quanto não remunerados, contribuem para a perpetuação da desigualdade de gênero na sociedade. Isso ocorre devido às diferentes alocações de tempo associadas a distintas responsabilidades, oportunidades e poder, como apontado por Oliveira e Marcondes (2016). Conforme observado por Claudia Mazzei Nogueira (2006):

Historicamente as mulheres sempre estiveram em situação de desigualdade. As relações sociais capitalistas legitimaram uma relação de subordinação das mulheres em relação aos homens, imprimindo uma conotação considerada “natural” à mulher, dada pela subordinação (Nogueira, 2006, p. 26).

Segundo a autora, a justificativa por trás da segregação de tarefas associadas ao gênero procura validar a distinção entre atividades socialmente rotuladas como masculinas e femininas. Esse fenômeno ocorre ao retratá-las como intrinsecamente naturais e biológicas. Associada a essa divisão de tarefas, manifesta-se a expressão do poder masculino sobre o feminino, estabelecendo uma relação de dominação. Pesquisas contemporâneas corroboram a constatação de que as mulheres ainda assumem a responsabilidade predominante pelas atividades relacionadas ao cuidado dos filhos, da família e da casa, ou seja, pelo trabalho reprodutivo não remunerado (Dickson, 2020; Machado *et al.*, 2019; Martins; Marinho, 2020). Compreender como esses fatores operam no âmbito privado e se refletem no público, perpetuando a concepção estereotipada da mulher como a principal responsável pela criação e cuidado, pode contribuir para evidenciar esse contexto de desigualdade observado na divisão sexual do trabalho.

O regime de gênero e as desigualdades no campo científico

Pierre Bourdieu (2004) apresenta o campo social como um espaço definido pelos indivíduos que o constituem, os quais adotam características e agem conforme as regras predominantes que regem esse ambiente. Neste estudo, o campo científico e o capital científico são essenciais para fomentar um diálogo e aprimorar as análises desenvolvidas na pesquisa.

A presença massiva de homens no quadro docente do CCA/UFV remete a um *habitus* masculino e a uma cultura “machista” institucionalizada no campo das Ciências Agrárias. Bourdieu (2012) introduziu o termo 'dominação masculina', contextualizando os aspectos históricos, culturais e sociais que fundamentam e legitimam a superioridade masculina em detrimento da inferioridade feminina. Portanto, a cultura machista no CCA representa um conjunto de representações simbólicas que promove uma hierarquia entre homens e mulheres. De maneira semelhante, Bourdieu (2012) argumenta que a dominação masculina

é elemento central na estruturação da sociedade, visto que “incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina” (Bourdieu, 2012, p. 15).

Nesse viés, Bourdieu (1983) concebe o *habitus* como uma estrutura estruturante e estruturada, mutável e capaz de se reconstruir a partir da ação de seus agentes. Em outras palavras, trata-se de um conjunto de disposições que direcionam as atitudes dos indivíduos, sem, no entanto, engessá-las. De acordo com Bourdieu (1983), o *habitus* é simultaneamente individual e social, atuando como um mecanismo de intermediação entre o sujeito e a sociedade. Ele é internalizado pelos indivíduos, proporcionando-lhes diversas possibilidades de escolha com base em suas relações e experiências na sociedade. Como um conceito capaz de abranger tanto a dimensão individual quanto a social e de articular diferentes formas de capital, o *habitus* é interpretado aqui como uma espécie de lei social internalizada, funcionando como uma matriz que orienta a percepção e ação dos indivíduos.

Já o campo (Bourdieu, 2004) é concebido como um espaço onde se desdobram as dinâmicas de poder. Para conquistar a hegemonia em seu domínio de atuação, os indivíduos dependem do capital acumulado nesse campo. O campo científico representa uma arena contenciosa, permeada por conflitos e disputas pela autoridade científica, definida como a “capacidade técnica e poder social — ou monopólio da competência científica, como capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado” (Bourdieu, 1983, p. 122–123). Para os profissionais envolvidos na carreira docente, a produção técnico-científica pode ser interpretada como uma faceta do capital científico dos sujeitos. Esse capital, imaterial e simbólico, desempenha um papel crucial ao conferir ao agente uma posição de destaque, incluindo reconhecimento por parte dos colegas, prestígio e legitimidade científica (Bourdieu, 1983).

A produção técnico-científica, particularmente neste estudo, envolvendo a publicação de artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais, assim como a conquista de bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq, está associada ao capital científico 'puro', conforme delineado por Bourdieu (2004). Isso implica que o processo de acumulação desse capital e sua posse resultam em diferentes possibilidades de progresso e destaque na carreira. O campo científico, portanto, é regido por regras e práticas moldadas por relações de poder, manifestadas pela influência do capital detido por cada participante em seu domínio de atuação. Raewyn Connell (2006), através do conceito de “regime de gênero” explica que o poder, como uma dimensão intrínseca às relações de gênero, está conectado à burocracia presente nas instituições e tende a moldar critérios e processos que favorecem os homens. Connell (2006) também chama a atenção para a 'gendrificação' do campo de forças nos ambientes formais de trabalho. Assim, a autora afirma que “onde há divisão de gênero do trabalho em relação às ocupações [...] haverá uma divisão nos sistemas educacionais que preparam as pessoas para esse trabalho” (Connell; Pearse, 2012, p. 167).

Portanto, a institucionalização da ordem de gênero, conforme definido por Connell, é o que ela caracteriza como o regime de gênero específico de uma determinada instituição (Connell, 1987). A autora também descreve os processos, estruturas e crenças que

segregam e hierarquizam homens e mulheres em distintos contextos. Em termos práticos, isso implica compreender como uma estrutura local de relações de gênero pode operar dentro de uma escola, família ou empresa. Dessa forma, cada instituição possui seu próprio regime de gênero, conferindo poder e autoridade a determinados grupos em detrimento de outros. Aproximar as ideias de Bourdieu e Connell torna possível esclarecer as práticas que fundamentam a rede de colaborações entre pesquisadores na publicação de artigos, na aprovação de projetos, no ensino de disciplinas de graduação e pós-graduação, na orientação acadêmica, e em diversas outras práticas influenciadas pelo gênero no contexto acadêmico.

Metodologia

Concernente à metodologia, foi utilizado o exame de dados secundários por meio da consulta à base de dados da Plataforma Lattes do CNPq, abrangendo todos os professores participantes da pesquisa. A avaliação documental teve como objetivo identificar, sob a perspectiva de gênero, variações entre o número de orientações a estudantes, o total de artigos publicados e o Qualis/Capes destes, a alocação de carga horária em disciplinas de graduação e pós-graduação, a autoria/coautoria em artigos científicos publicados, e outros aspectos examinados.

Foram adicionadas às informações relacionadas à caracterização pessoal dos/das docentes — como sexo, raça, data de nascimento, escolaridade, estado civil, número de filhos e faixa etária e, à trajetória profissional, abrangendo lotação, tempo de serviço, categoria funcional, licenças e ocupação de cargos de liderança, adquiridas por meio da coleta nos Currículos Lattes, e dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PGP). Nessa fase do estudo, também se incluiu a aplicação de um questionário de pesquisa. Os questionários foram enviados quinzenalmente para os endereços de e-mail institucionais dos/das 212 docentes participantes deste estudo. Ao final do período de aplicação do mesmo, obtivemos 122 respostas, que corresponde a 57,5% do total de docentes investigados/as.

A parentalidade e o campo científico

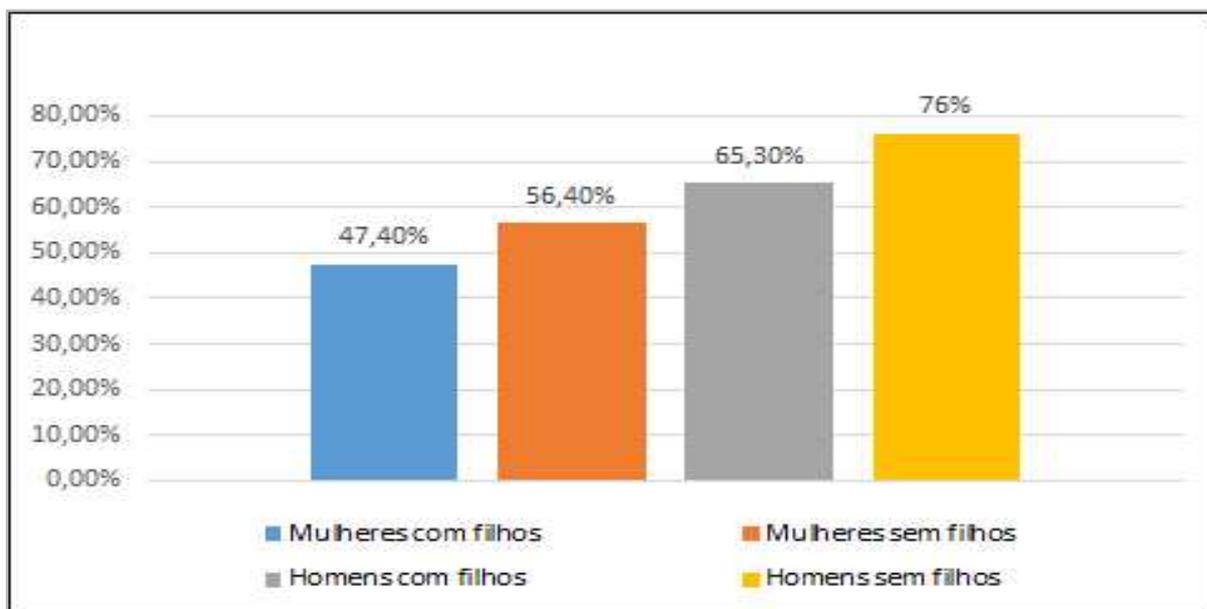
O conceito abrangente de parentalidade descreve a condição de se tornar pai e mãe. Contudo, ao examinar a legislação atual no Brasil, é evidente um claro viés de gênero. A Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, estipula os seguintes períodos para licença parental: seis meses para a mãe e cinco a vinte dias para o pai. Considerando que a responsabilidade de cuidar da criança e atender às suas necessidades é compartilhada por ambos os pais, como justificar uma disparidade tão significativa nos períodos de afastamento para esse fim? Essa discrepância, respaldada por lei, reforça um ciclo de desigualdades que perpetua os estereótipos de gênero presentes na sociedade.

No âmbito acadêmico, a experiência da maternidade vivida por uma professora-pesquisadora é frequentemente considerada como representando meramente um período de licença. Contudo, a produtividade científica é o propulsor da atual carreira acadêmica, e a maternidade, na prática, configura-se como uma condição que introduz desigualdades na construção da trajetória acadêmica (Protetti; Souza, 2021). No contexto da carreira de professoras/pesquisadoras, a interseção entre maternidade e produtividade

científica tem sido objeto de intensa discussão, especialmente nos estudos de gênero. Há pesquisas que abordam a injusta decisão enfrentada pelas mulheres após a maternidade: a escolha entre prosseguir na carreira ou dedicar-se exclusivamente aos filhos (Cardoso; de Lima; Bartholomei, 2023).

Um estudo conduzido pelo movimento *Parent in Science* (2020)³ corroborou que a chegada dos filhos impacta de maneiras distintas na trajetória acadêmica de homens e mulheres. A pesquisa foi realizada durante os meses de abril e maio de 2020, em meio à evolução da pandemia causada pelo novo corona vírus⁴. O estudo comparou a submissão de artigos científicos por homens e mulheres, considerando a presença ou ausência de filhos. Os dados revelaram que o percentual de submissão de manuscritos era consistentemente maior entre aqueles de ambos os sexos sem filhos. Além disso, verificou-se que, entre aqueles que não tinham filhos, as mulheres submeteram uma quantidade menor de artigos em comparação aos homens (Gráfico 1).

Gráfico 1: Percentual de submissões de artigos científicos pelos docentes, 2020.



Fonte: Elaborado pelas autoras tendo como base dados disponibilizados pelo *Parent in Science* (2020).

Nessa situação, as mães-cientistas, especialmente aquelas com crianças pequenas, enfrentaram circunstâncias desafiadoras para conciliar⁵ as responsabilidades domésticas e profissionais. Maria Beatriz Caruzo *et al.* (2020) expressam preocupação com as consequências negativas desse contexto na carreira das mulheres, uma vez que “é inevitável imaginar que em um ou dois anos os currículos refletirão esse acentuado

³ A criação desse campo foi concebida com o propósito de responder a uma solicitação emanada do movimento #MaternidadenoLattes, uma ação derivada do projeto *Parent in Science*, conduzida no ano de 2018. Membros da comunidade científica apresentaram ao CNPq uma petição formal, respaldada por múltiplas entidades científicas.

⁴ Trata-se da pandemia causada pelo novo coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, sendo o vírus responsável pela COVID-19.

⁵ Neste estudo, o termo "conciliar" foi adotado com base nas análises de Hirata e Kergoat (2007), que discutem as desigualdades de gênero intrínsecas à divisão entre trabalho e vida pessoal. O modelo de "conciliação" apresentado pelas autoras reflete a pressão imposta sobre as mulheres para equilibrar simultaneamente uma variedade de papéis.

desequilíbrio, exacerbando ainda mais as diferenças de gênero que já são predominantes na academia” (Caruzo et al., 2020, p. 2).

A evidente disparidade evidenciada nos dados tem como elemento central o gênero. Não apenas as mulheres que são mães veem sua produtividade científica prejudicada. O que a pesquisa conduzida pelo *Parent in Science* (2020) destaca é que, de maneira geral, as mulheres apresentam uma produtividade inferior à dos homens em ambas as situações analisadas, sendo mães ou não.

A condição feminina está socialmente ligada às questões relacionadas aos cuidados que fundamentalmente colocam a mulher como cuidadora natural, perpetuando a iniquidade de gênero. Como resultado dessa conjuntura, as mulheres enfrentam uma sobrecarga de funções diante da desigual responsabilidade pelos cuidados com a vida privada. Esses cuidados podem ser destinados aos filhos, mas também a outros dependentes, limitando, assim, as possibilidades de conciliar de maneira eficaz família e carreira para elas.

Em última análise, as mulheres enfrentam desafios diários, os quais se acentuam de acordo com as fases do ciclo familiar (Carter; Mcgoldrick, 1995). A maternidade tem sido identificada como um fator restritivo para o acesso, permanência e progressão das mulheres na carreira científica. Conforme salientado por Lara Rodrigues et al. (2021), “ser mãe e cientista requer um equilíbrio entre a vida profissional e familiar que certamente não se coloca como tarefa fácil, principalmente quando as atividades científicas pressupõem produtividade e competitividade” (Rodrigues et al., 2021, p. 49). Adicionalmente, a situação se agrava quando as mulheres estão inseridas em áreas reconhecidas como “redutos masculinos”, como as agrárias, engenharias e tecnologia.

Assimetrias de gênero no ensino superior: interações entre vida familiar e carreira no CCA/UFV

Para a realização das análises subsequentes, foi utilizado um banco de dados composto por 212 docentes em atividade no CCA/UFV em 31/07/2021⁶. Complementarmente, foram consideradas as informações obtidas por meio da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PGP), preservando-se o total anonimato dos participantes. Além disso, são apresentadas e discutidas as respostas provenientes da aplicação do questionário aos docentes, visando estabelecer uma relação entre as configurações familiares/ciclos de vida familiar e a carreira no magistério superior.

Dos 212 questionários enviados às 47 professoras e 165 professores deste estudo entre agosto de 2021 e janeiro de 2022, obteve-se o retorno de 37 professoras e 85 professores, indicando a participação de 79% das professoras e 52% dos professores. De maneira global, a taxa de participação e envolvimento na pesquisa atingiu 57,5% do universo investigado. A Tabela 1 apresenta a distribuição de docentes por gênero e estado civil.

⁶ Informação obtida por meio de pesquisa ao site oficial da UFV: <https://www.dti.ufv.br/relatorioufv/>. Resguardado conforme a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD, Lei nº 13.709/2018).

Tabela 1: Distribuição dos docentes do CCA/UFV por gênero e estado civil.

	Gênero					
	Feminino			Masculino		
Total	22,2%			77,8%		
Estado civil	Casada	Solteira	Divorciada	Casado	Solteiro	Divorciado
	48,9%	46,8%	4,3%	70,9%	23,6%	5,5%

Fonte: Elaborada pelas autoras tendo como base dados da pesquisa (2022).

A Tabela 1 evidencia que o corpo docente do CCA/UFV é predominantemente composto por docentes do sexo masculino (77,8%), com uma parcela reduzida de mulheres (22,2%). Além disso, observa-se que o percentual de docentes casadas e solteiras está equilibrado, com uma leve inclinação positiva para a categoria "casada". Para os homens, essa inclinação é mais acentuada, com 70,9% dos professores sendo casados.

Ainda de acordo com os dados coletados, mais da metade das docentes não eram mães (54,1%), enquanto para os homens esse número era de 21,2%. Segundo Elaine Ecklund e Anne Lincoln (2011), em sua análise sobre cientistas acadêmicos nos Estados Unidos, observa-se que as "cientistas das melhores universidades não apenas têm menos filhos do que seus colegas homens, mas também eram mais propensas a dizer que, devido à carreira científica, tinham menos filhos do que gostariam" (Ecklund; Lincoln, 2011, p. 4). Devido ao conflito entre as demandas familiares e profissionais, muitas mulheres priorizam suas carreiras, adiando ou mesmo abdicando da maternidade. Isso explica o maior número de mulheres sem filhos, como indicado neste estudo.

Por outro lado, o reduzido percentual de homens sem filhos pode ser atribuído ao que Yang Shen e Lai Jiang (2020) identificaram como uma baixa participação paterna nos cuidados infantis. As pesquisas conduzidas por Shen e Jiang (2020) e Samantha Paustian-Underdahl et al. (2019) ilustraram o fenômeno conhecido como "prêmio de paternidade", no qual os pais tendem a se dedicar mais ao trabalho remunerado após o nascimento dos filhos.

Paralelamente, as mulheres que se tornam mães enfrentam o que é descrito como "pena da maternidade", principalmente devido à divisão tradicional do trabalho e à persistente ideia que associa a mulher ao âmbito reprodutivo. Consoante com os referidos autores, a chegada dos filhos geralmente não resulta em mudanças significativas na trajetória profissional dos homens (Paustian-Underdahl et al., 2019; Shen; Jiang, 2020).

Como previamente indicado, neste estudo, direcionamos nossa atenção aos estágios 3, 4 e 5, considerando-os como os períodos de maior influência no dia a dia das famílias. Para os pais de crianças pequenas, as demandas crescem substancialmente, exigindo uma reestruturação da rotina devido aos cuidados essenciais necessários nessa fase. À medida que os filhos amadurecem, eles gradualmente se tornam mais autônomos. No entanto, as fases da adolescência e da transição para a idade adulta ainda demandam atenção, orientação e supervisão para que os jovens possam se desenvolver como indivíduos

autônomos e responsáveis.

Quando questionados sobre a alocação de tempo para as atividades relacionadas ao ensino após o casamento e/ou união estável, a Tabela 2 apresenta a correlação entre estado civil e carreira docente.

Tabela 2: Relação entre matrimônio/união e vida profissional.

O matrimônio/união interferiu em sua vida profissional, alterando o tempo despendido com as atividades da carreira docente (número de publicações, orientações, projetos)?		
	Mulheres	Homens
SIM	25,9%	20,0%
NÃO	74,1%	72,9%
Não soube responder	-	7,1%

Fonte: Elaborada pelas autoras tendo como base dados de campo (2022).

Observa-se que a maioria das pesquisadoras (74,1%) e dos pesquisadores (72,9%) não identificou alterações significativas nesse aspecto. A pesquisa conduzida por Elizabete Kobayashi e Camila Rigolin (2015) revelou resultados semelhantes ao examinar o impacto do casamento na progressão da carreira científica, considerando o contexto brasileiro. As autoras identificaram um posicionamento unânime por parte das participantes ao reconhecerem que o casamento não se constituía em um empecilho à ascensão profissional. Luiz Otávio Ferreira (2008) argumenta que “o casamento pode gerar efeitos positivos sobre a produtividade de ambos os sexos ou somente sobre os homens” (Ferreira *et al.*, 2008, p. 46). No entanto, em relação à chegada da maternidade e/ou paternidade (ver Tabela 3), 64,7% das mulheres afirmaram que houve uma modificação no tempo disponível após se tornarem mães. Para 46,3% dos homens, que representam a maioria, a paternidade não teve um impacto direto no desempenho profissional.

Tabela 3: Percepção da influência da maternidade/paternidade na carreira profissional.

Percepção da influência da maternidade/paternidade no tempo despendido com as atividades da carreira docente (número de publicações, orientações, projetos)		
	Mulheres	Homens
SIM	64,7%	44,7%
NÃO	29,4%	46,3%
Não soube responder	5,9%	9,0%

Fonte: Elaborada pelas autoras tendo como base dados de campo (2022).

No que se refere ao papel de cuidar, tradicionalmente associado às mulheres e naturalizado historicamente, a Tabela 4 evidencia uma maior predominância das mães como principais responsáveis pelos cuidados dos filhos. É perceptível que a maioria dos pesquisadores reconhece as mães como as figuras principais nesse aspecto. Entretanto, 9% deles se

autoavaliaram como os principais cuidadores dos filhos. Quanto às pesquisadoras, nenhuma delas atribuiu esse papel aos pais. Outro aspecto a ser observado é em relação ao percentual de pesquisadores que responderam que o cuidar caberia a ambos, mãe e pai. Nota-se que 34,3% dos pesquisadores acreditavam que essa responsabilidade deveria ser compartilhada, ao passo que 23,5% das mães tinham a mesma opinião.

Tabela 4: Opinião dos participantes sobre o papel de cuidador dos filhos.

	Quem é o principal responsável pelo cuidado do (s) filho (s)?		
	Mãe	Pai	Ambos
Mulheres	76,5%	-	23,5%
Homens	56,7%	9,0%	34,3%

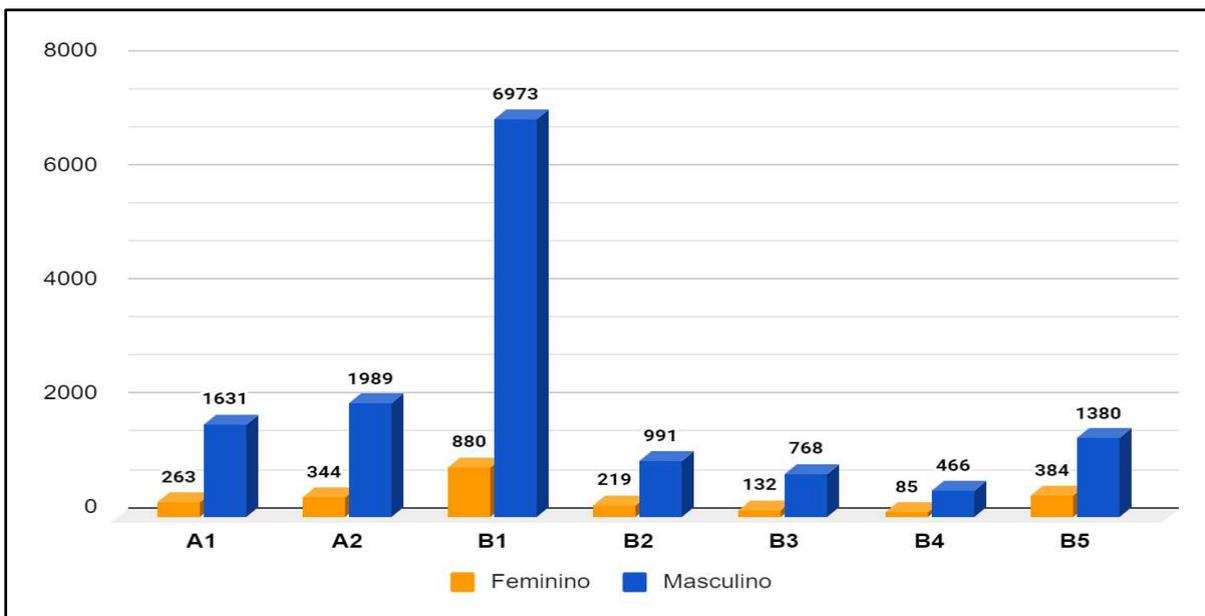
Fonte: Elaborada pelas autoras tendo como base dados de campo (2022).

Os resultados obtidos alinham-se com outras pesquisas que atribuem à figura materna a maior parte das responsabilidades de cuidado (Atkinson, 1987; Caruzo *et al.*, 2020; Pindado Sanz-Cruzado *et al.*, 2021; Boueri; De Assis, 2018). Alice Atkinson (1987) enfatiza que os níveis discretos de responsabilização atribuídos pelos pais refletem os tradicionais padrões de baixa participação paterna nas atividades de cuidado. Por outro lado, as mulheres tendem a avaliar os pais com base em seu próprio envolvimento, o que pode explicar por que nenhuma das professoras pesquisadas designou ao pai o papel de principal responsável pelo cuidado dos filhos. Tem-se ainda que, dependendo do estágio do ciclo de vida familiar, os impactos profissionais podem ser mais ou menos pronunciados, em curto ou longo prazo.

Análise do capital científico a partir das lentes de gênero: o caso do CCA da UFV

A produção técnico-científica docente, importante indicador do capital intelectual do pesquisador/a, confere posições de destaque em seus campos de atuação, seja como bolsista de produtividade, seja obtendo aprovação em editais, entre outras situações de prestígio no contexto acadêmico e científico. Esse capital intelectual é acessado e acumulado pelos/as professores/as e pesquisadores/as em suas trajetórias, mas, de maneira diferenciada, de acordo com o gênero. Embora sujeitos ao mesmo conjunto de oportunidades, as vivências de professores-pesquisadores e professoras-pesquisadoras são influenciadas por um sistema de gênero que molda suas práticas no contexto acadêmico. O Gráfico 2 ilustra a distribuição de artigos publicados em periódicos de circulação nacional e internacional, em números totais, no ano de 2022.

Gráfico 2: Número de artigos publicados por gênero e Qualis/Capes.



Fonte: Extraído dos Currículos Lattes dos docentes (2022).

Examinando a distribuição dos artigos nos estratos Qualis/CAPES, nota-se que as pesquisadoras publicaram maior número em revistas classificadas como B1, B5 e A2, respectivamente. Os pesquisadores, por sua vez, apresentaram as maiores concentrações de artigos científicos em periódicos classificados como B1, A2 e A1, nesta ordem. A proporção de artigos Qualis A1 foi em torno de 1 artigo com autoria de pesquisadora para cada 6,2 artigos publicados por pesquisador. No estrato A2, os pesquisadores publicam 5,8 artigos enquanto as pesquisadoras, um.

No geral, as pesquisadoras apresentam uma quantidade significativamente inferior de publicações em comparação com seus colegas pesquisadores, em todos os estratos Qualis. Ressalta-se que a produção técnico-científica representa um elemento essencial do capital científico desses profissionais, pois determina a posição social de cada pesquisador no âmbito acadêmico. Considerando apenas os/as docentes sem filhos, observa-se a distribuição exposta na Tabela 5.

Tabela 5: Publicações dos docentes que não possuem filho(s).

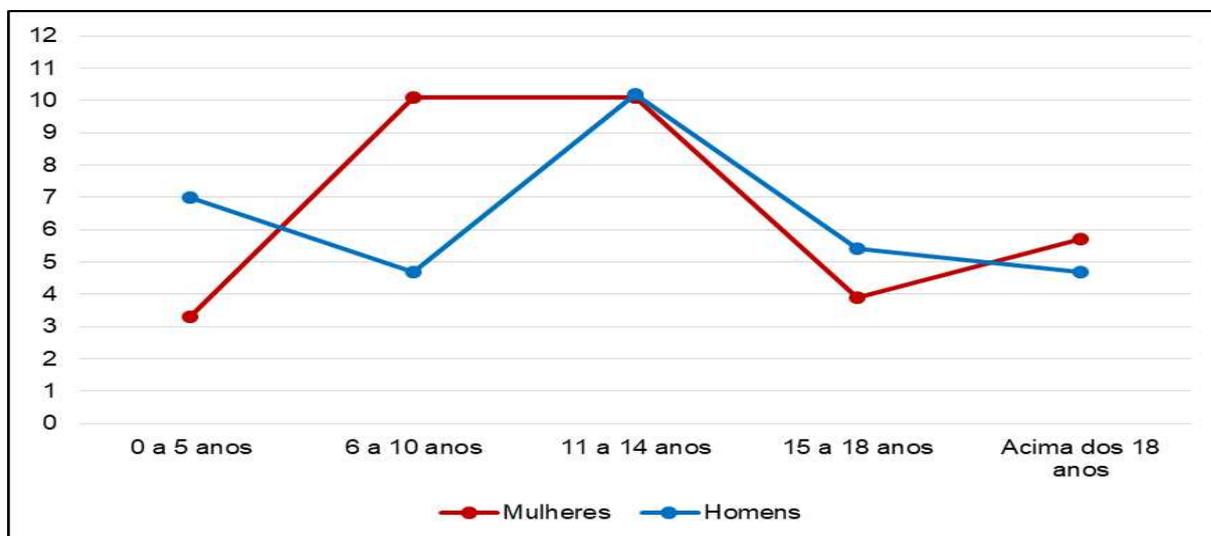
	Homens	Mulheres
Número de docentes sem filhos	18	20
Total de artigos publicados	840	869
Média/Ano	6,7	7,3

Fonte: Elaborada pelas autoras tendo como base dados da pesquisa (2022).

Em média, os pesquisadores sem filhos têm uma publicação de 6,7 artigos por ano, enquanto as pesquisadoras sem filhos apresentam uma média de 7,3 artigos por ano. De acordo com o estudo de Marta Vohlídlová (2020), a maternidade tem sido considerada uma barreira para o progresso das pesquisadoras na carreira. O Gráfico 3 apresenta os dados referentes ao grupo de professores-pesquisadores e professoras-pesquisadoras

com filhos, considerando suas diferentes faixas etárias.

Gráfico 3: Publicações dos docentes de acordo com a faixa etária do (s) filho (s).



Fonte: Elaborado pelas autoras tendo como base dados da pesquisa (2022).

Ao longo da vida, os estágios familiares variam em demanda, conforme evidenciado por Vohlídlová (2020). O Gráfico 3 mostra uma queda acentuada na média de publicações das pesquisadoras nos primeiros anos da criança (0–5 anos) e na adolescência (15–18 anos). Entre os pesquisadores com filhos de 0 a 5 anos, a média de publicações foi de 7,0, enquanto para as pesquisadoras foi de 3,3 artigos. Os resultados obtidos coadunam com o estudo de Mairesse, Pezzoni e Visentin (2019), em que os autores destacam que “os cientistas homens [...] são menos afetados pela presença de uma criança pequena na família” (Mairesse; Pezzoni; Visentin, 2019, p. 217).

O impacto da maternidade e dos cuidados necessários nos primeiros anos de vida da criança afetam significativamente a vida acadêmica das pesquisadoras. Em média, as pesquisadoras do CCA/UFV têm menos da metade das publicações dos pesquisadores com filhos na mesma faixa etária (0 a 5 anos). Machado *et al.* (2019) também observaram uma redução nas publicações científicas de mulheres após o nascimento do primeiro filho, persistindo por cerca de quatro anos. Vários estudos indicam que a maternidade intensifica a disparidade de gênero na carreira acadêmica.

Para as pesquisadoras com filhos de 6 a 10 anos, a dinâmica é diferente. No Centro de Ciências Agrárias da UFV, a média anual de publicações dessas pesquisadoras aumentou para 10,1 artigos, enquanto para os homens caiu para 4,7. Isso sugere que um maior apoio aos filhos, como auxílio nas tarefas escolares e outras atividades cotidianas, afeta o tempo disponível para pesquisa dos professores-pesquisadores.

No segundo estágio, o das famílias com adolescentes (11 a 14 anos), há um equilíbrio na média anual de publicações entre professores-pesquisadores e professoras-pesquisadoras, com 10,2 e 10,1 artigos, respectivamente. Contudo, para os filhos de 15 a 18 anos, a média de publicações cai para 5,4 para pesquisadores e 3,9 para pesquisadoras. Em famílias com filhos adultos (acima de 18 anos), há um aumento na média de publicações, com 4,7 para

pesquisadores e 5,7 para pesquisadoras. Nota-se, portanto, que o capital científico das pesquisadoras é acumulado mais tardiamente.

Conclusões

Os resultados alcançados neste estudo confirmam as conclusões de pesquisas anteriores que destacaram a influência das responsabilidades domésticas e familiares sobre as trajetórias acadêmicas e científicas. Tais questões continuam sendo subestimadas pelas instituições, resultando em uma escassez quase total de políticas e suporte adequados àquelas profissionais que convivem diariamente com esses desafios. Conforme evidenciado pelas análises realizadas, para as professoras-pesquisadoras, equilibrar as demandas familiares e profissionais tem sido uma exigência constante, especialmente após se tornarem mães. Frente a essa realidade, algumas optam por postergar ou até mesmo abdicar da maternidade, como indicado pelos índices de professoras sem filhos identificados neste estudo. Por outro lado, para os pesquisadores, a paternidade não emerge como uma preocupação limitante em nenhum dos aspectos analisados.

No âmbito das Ciências Agrárias, o "regime de gênero" persiste, sustentando práticas que perpetuam os preconceitos de gênero observados desde o surgimento da instituição. Sua influência pode ser sentida, especialmente por meio de disparidades nos padrões de publicação entre professores e professoras-pesquisadoras, na distribuição desigual de bolsas de Produtividade em Pesquisa, na ocupação de cargos administrativos e na progressão na carreira. Observa-se, ainda, uma conexão existente entre o regime de gênero e a divisão sexual do trabalho. Além disso, nota-se a possibilidade de combinar diversos 'regimes de gênero', resultando em desvantagens adicionais para as mulheres em suas trajetórias profissionais.

No contexto da carreira acadêmica, é amplamente reconhecido que o capital científico desempenha um papel crucial, dada sua preponderância como vantagem competitiva através da obtenção de recursos, reconhecimento por seus pares e autoridade científica. Logo, uma abordagem centrada na produtividade e competição, que desconsidera as especificidades que impactam o trabalho das pesquisadoras, como a maternidade, os cuidados domésticos e familiares, entre outras responsabilidades frequentemente associadas ao papel feminino, tende a perpetuar desigualdades de gênero e limitar o avanço da equidade na carreira acadêmica.

Os dados apresentados evidenciam, portanto, um cenário atual de desigualdade de gênero no magistério superior. Reconhecer e enfrentar os desafios que as professoras-pesquisadoras encontram em suas carreiras acadêmicas é necessário e fundamental para promover a igualdade de oportunidades. Somente por meio de um compromisso conjunto entre instituições de ensino, agências de fomento à pesquisa e órgãos governamentais é possível estabelecer políticas e práticas que promovam a equidade de gênero. Esse esforço coletivo busca garantir oportunidades equitativas para as mulheres inseridas em carreiras acadêmicas.

Referências

ATKINSON, Alice M. Fathers' Participation and Evaluation of Family Day Care. **Family**

Relations, v. 36, n. 2, p. 146–151, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/583944>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Visitando a fase adolescente. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper (org.). **Visitando a família ao longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 59–84.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; PEREIRA, Flavilio Silva Pereira Silva. Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. **Temporalis**, Brasília, DF, v. 11, n. 21, p. 119–145, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1380>. Acesso em: 24 nov. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.122–155.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOUERI, Aline Gatto; DE ASSIS, Carolina. Sem considerar maternidade, ciência brasileira ainda penaliza mulheres. **Gênero e Número**, v. 10, 2018. Disponível em: <https://www.generonumero.media/?s=Semconsiderar+maternidade>. Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. **Lei n. 13.257, de 8 de março de 2016**. Marco Civil da Primeira Infância. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.

CARDOSO, Priscila Fernanda Gonçalves; DE LIMA, Marina Papa; BARTHOLOMEI, Maria Alice. O (não) lugar da mulher-mãe na universidade, resistências e conquista no ENPESS/2022. **Temporalis**, v. 23, n. 46, p. 309 p.122–155, 327, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/40499>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995, p. 7–29.

CARUZO, Maria Beatriz Rossi et al.. Maternity, science and pandemic: an urgent call for action! **Hoehnea**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 1–3, e812020, 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/2236-8906-81/2020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hoehnea/a/n3cyGs3FM7LgWPjGR6WY8KG/?lang=en>. Acesso em: 02 out. 2023.

CONNELL, Raewyn. **Gender and power: society, the person and sexual politics**. Cambridge: Polity Press, 1987.

CONNELL, Raewyn. Glass ceilings or gendered institutions?: mapping the gender regimes of public sector worksites. **Public Administration Review**, v. 66, n. 6, p. 837–849, 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4096601>. Acesso em: 20 out. 2022.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. 3. ed. Tradução e revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2012.

DICKSON, Martina. “He’s Not Good at Sensing That Look That Says, I’m Drowning Here!”: academic mothers’ perceptions of spousal support. **Marriage & Family Review**, v. 56, p. 241–263, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01494929.2020.1712302>. Acesso em: 19 set. 2023.

ECKLUND, Elaine Howard; LINCOLN, Anne E. Scientists Want More Children. **PLOS ONE**, v. 6, p. 8, e22590, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0022590>. Acesso em: 13 nov. 2023.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595–609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>. Acesso em: 12 jan. 2024.

KOBAYASHI, Elizabete Mayumy; RIGOLIN, Camila Carneiro Dias. Mulheres, Ciência & Tecnologia: trajetórias das lideranças femininas nos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs): primeiras aproximações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS, 28., 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2015. Disponível em: http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1435598104_ARQUIVO_Trabalho_completo_ANPUH_Kobayashi_Rigolin.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

MACHADO, Letícia Santos *et al.* Parent in science: the impact of parenthood on the scientific career in Brazil. In: IEEE/ACM INTERNATIONAL WORKSHOP ON GENDER EQUALITY IN SOFTWARE ENGINEERING (GE), 2., 2019, Montreal. **Anais [...]**. Montreal: IEEE, 2019, p. 37–40.

MAIRESSE, Jacques; PEZZONI, Michele; VISENTIN, Fabiana. Impact of family characteristics on the gender publication gap: evidence for physicists in France. **Interdisciplinary Science Reviews**, v. 44, n 2, p. 204–220, 2019. DOI <https://doi.org/10.1080/03080188.2019.1603884>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1080/03080188.2019.1603884>. Acesso em: 30 set. 2023.

MARTINS, Thayná Guedes Assunção; MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. A disparidade de gênero no campo científico a partir do impacto da maternidade na carreira das mulheres. **Revista Humana Res**, v. 2, p. 157–174, 2020. Disponível em: <https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/46/44>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade Acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2ApPHlo>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PAUSTIAN-UNDERDAHL, Samantha *et al.*. Pushed Out or Opting Out? Integrating Perspectives on Gender Differences in Withdrawal Attitudes During Pregnancy. **Journal of**

Applied Psychology, v. 104, p. 985–1002, 2019. Disponível em:
<https://psycnet.apa.org/record/2019-05154-001>. Acesso em: 12 dez. 2023.

PINDADO SANZ-CRUZADO, Sheyla; SANTOS, Ana M. C.; RUIZ-BENITO, Paloma; VILLÉN-PÉREZ, Sara. La percepción del impacto de la maternidad y la paternidad en la carrera científica en Ciencias de la Vida en España. **Ecosistemas**, v. 30. n. 1, p.1–11, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.7818/ECOS.1991>. Acesso em: 24 out. 2023.

PINTO, Érica Jaqueline Soares. **Relações de gênero na carreira acadêmica em Engenharia Civil**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

PROTETTI, Fernando Henrique; SOUZA, Aparecida Neri de. Na universidade brasileira, maternidade rima com produtividade? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 20., 2021, Belém, PA. **Anais [...]**. Belém, PA: 2021. p. 1–15. Disponível em:
<https://www.sbs2021.sbsociologia.com.br/site/anaisarquivoresumo#N>. Acesso em: 13 dez. 2023.

SHEN, Yang; JIANG, Lai. Labor market outcomes of professional women with two children after the one-child policy in China. **Journal of Social Issues**, v. 76, n. 3, p. 632–658, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/josi.12387>. Acesso em: 07 jan. 2024.

STANISCUASKI, Fernanda *et al.* Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. **Frontiers in Psychology**, v. 12, p. 663252, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.663252>. Acesso em: 25 out. 2023.

VOHLÍDALOVÁ, Marta. Early-Career Women Academics: Between Neoliberalism and Gender Conservatism. **Sociological Research Online**, v. 26, p. 1–17, 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.1177/1360780420914468>. Acesso em: 08 jan. 2024.

Submetido em: 14/4/2024
 Aceito em: 16/9/2024